

A ESCOLA QUE NÃO ME VÊ: MENSTRUÇÃO, INVISIBILIDADE E DESIGUALDADE EDUCACIONAL NO CAMPUS RIO GRANDE DO IFRS

NICOLLYE NEVES TEIXEIRA BERNEIRA¹; CRISTINA COPSTEIN CUCHIARA²
ANNANDA DIAS ALMEIDA³ ; LUCÍA SILVEIRA ALDA⁴;

¹*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)*
– Campus Rio Grande – 2024315359@aluno.riogrande.ifrs.edu.br

²*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)*
– Campus Rio Grande – cristina.cuchiara@riogrande.ifrs.edu.br

³*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)*
– Campus Rio Grande – annanda.almeida@riogrande.ifrs.edu

⁴*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)*
– Campus Rio Grande – lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br

A menstruação, experiência comum para cerca de metade da população mundial, ainda é frequentemente invisibilizada nos contextos educacionais e a escola, como reflexo da sociedade, deve discutir o acesso à educação de pessoas que menstruam. No câmpus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), essa realidade é intensificada pela carência de políticas e infraestrutura que atendam às necessidades desse público, impossibilitando a igualdade educacional. Em resposta a essa lacuna, este projeto indissociável de ensino, pesquisa e extensão, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS), busca investigar como a menstruação impacta a desigualdade educacional no câmpus. Para tanto, visamos identificar os sintomas menstruais e suas implicações no desempenho acadêmico, verificar a frequência de ausências durante o período menstrual, avaliar a infraestrutura quanto à sua adequação às pessoas que menstruam, propor ações pedagógicas para informar a comunidade sobre o tema e produzir material informativo. A metodologia empregada para alcançar esses objetivos inclui uma revisão bibliográfica, um questionário misto qualitativo, entrevistas semi-estruturadas e visitas a banheiros e áreas comuns da escola. O estudo é realizado no câmpus Rio Grande do IFRS, e a amostra é composta por estudantes voluntários que se identificam como pessoas que menstruam. Espera-se que os resultados deste trabalho contribuam para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo, promovam transformações concretas nos processos de ensino-aprendizagem e que a escola reconheça e responda às necessidades de uma parte significativa da comunidade escolar.